

composições barrocas do padre José Maurício nunca se extraviaram entre Cuiabá e o Rio de Janeiro, mas foram parar, com toda a segurança, no museu de São Petersburgo”.

Não cremos ter havido qualquer “esperteza” por parte de Hércules Florence. Parece-nos simplesmente que, não tendo Florence procedido a um arrolamento particularizado da remessa, anotou apenas o que lhe pareceu mais importante, englobando tudo o “mais” entre os “manuscritos” mencionados.

Deixando de lado todas as especulações que sobre o assunto se possa fazer, seria o caso de sugerir-se ao Itamarati entrar em contato com o governo soviético para a ida a Leningrado (a antiga São Petersburgo) de nossa maior autoridade em José Maurício, a Professora Cleofe Person de Mattos, a fim de pesquisar se realmente se encontram no museu da importante cidade soviética, as composições de nosso padre-compositor, que o sr. Viggiano afirma com toda a segurança que lá foram parar. (De uma nota do dr. Carlos Gonzalez).

\*

### BACH NAS MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII?

Segundo informação do maestro Walter F. Gauss, musicista germânico há muito radicado em São Paulo, a revista “Moriã”, que se edita em Hamburgo, estampou artigo sob o título **Ouro Preto: reiche Stadt aus dem nichts** (“Ouro Preto, opulenta cidade que veio do nada”), de autoria de Ivan Angelo, correspondente do “Jornal da Tarde”, de São Paulo. Em meio a referências sobre as obras pictóricas e arquitetônicas do Barroco, que enriquecem a paisagem cultural de várias cidades mineiras, deparamo-nos com este estranhíssimo parágrafo: “Uma nova escola amplia-se nas igrejas e cidades da Capitania. Por volta de 1750 será executada na Igreja de Nossa Senhora do Pilar a **Paixão segundo S. Mateus**, de Johann Sebastian Bach, sendo possível ouvir Joseph Haydn, Friederich Haendel, Wolfgang Amadeus Mozart”.

Minha profunda surpresa fundamenta-se em diversos motivos. Em primeiro lugar, trata-se de uma importante revelação histórica; e como tal o sr. Ivan Angelo, tão firme em suas observações, teria o indeclinável dever de indicar **in extenso** a fonte documental em que se abeberou. Mas não o fez. Em segundo lugar, é notório que a música e a vida artística dos compositores mineiros do século XVIII foram minuciosamente esquadrihadas pelo famoso e controverso professor alemão dr. Francisco Curt Lange. Possui a maior parte de suas monografias. Em nenhuma delas se fala de Bach interpretado em igrejas de Vila Rica ou qualquer outra cidade das Alterosas.

Consultei a esse propósito minha eminente amiga e colega, professora Cleofe Person de Mattos, do Rio de Janeiro. Disse-me que jamais ouvira falar nisso...

Há que aduzir outras considerações. Muito embora J. S. Bach desfrutasse de celebridade em seu tempo, é notório que o **Summus Musicus** foi mais venerado como virtuose organista do que por méritos de compositor, haja vista as poucas edições de sua obra, enquanto viveu. Suas cantatas sacras se executavam com regularidade nas igrejas de Santo Tomás e de São Nicolau, de Leipzig, onde Bach viveu de 1723 até sua morte em 1750. A música era executada por cópias manuscritas, muitas até mesmo autógrafas... e quantas se perderam irremediavelmente!

Quanto à **Paixão segundo S. Mateus**, sua partitura somente foi editada em 1830. O texto foi preparado por Christian Friedrich Henrici (Picander por pseudônimo) com adendas do próprio Bach. Reúne consideráveis forças: dois coros mistos a quatro vozes, um terceiro coro de meninos-cantores; quatro solistas, duas flautas travessas, duas flautas doces, dois oboés; oboés "d'amor" e "da caccia" aos pares; as cordas; órgão e baixo-contínuo. Duração aproximada de toda a obra: três horas e quarenta minutos.

Se a montagem dessa gigantesca obra-prima, um dos monumentos supremos do gênio humano, exige uma soma ingente de trabalho preparatório, seria pensável em relação aos modestos efetivos das igrejas ouopretanas do Setecentos?

Antolha-se-me inadmissível que um jornalista afoito, despreparado de provas, faça circular em revista cultural da Alemanha um tópico dessa importância, sem o mínimo respaldo na comprovação histórica. Pelo menos até prova em contrário. (De uma carta do eminente musicólogo e crítico musical, dr. José da Veiga Oliveira, de São Paulo).